

# PERCURSOS HISTÓRICOS DA PSICOPEDAGOGIA NO RIO GRANDE DO SUL

Fabiani Ortiz Portella

**RESUMO** – O presente artigo traz uma contribuição dos movimentos realizados no estado do Rio Grande do Sul, em torno da constituição da psicopedagogia como profissão. Apresenta dados preliminares da pesquisa a arquivos, pesquisa em teses, documentos e publicações na área. O artigo baseia-se, principalmente, no testemunho das personalidades expoentes envolvidas na área da educação e da saúde, que participaram da formação inicial, com isso organizando os fatos importantes que deram origem à psicopedagogia, trilhando os percursos necessários na direção da construção desta profissão, perfazendo quase meio século de história.

**UNITERMOS:** Psicopedagogia. Organizações de Normalização Profissional. Prática Profissional, história. Área de Atuação Profissional.

## INTRODUÇÃO

Como todas as histórias que conhecemos, a história da psicopedagogia teve um marco inaugural, a partir do qual derivou por vários caminhos e rumos, sempre na direção de constituir algo consistente, a partir da abertura de um espaço profissional emergente.

Reconstruir a caminhada da Psicopedagogia no Rio Grande do Sul (RS), buscar as raízes históricas por meio de testemunhos das pessoas que participaram dessa construção é, sem dúvida, o objetivo principal desse estudo. Nesse sentido, a possibilidade de resgatar e compreender as razões históricas da origem dessa profissão é fundamental na constituição da memória e identidade psicopedagógica gaúcha.

O trabalho de pesquisa sobre história da psicopedagogia no RS iniciou-se a partir da indicação da necessidade de um registro oficial do percurso dos diversos profissionais que estiveram envolvidos na construção da estrutura profissional, no estado. Ao ser convidada para tal empreitada, em 1997, iniciei o trabalho de resgate da memória histórica, primeiramente oral, por meio de entrevistas pessoais com diferentes personalidades envolvidas nesse percurso.

Recentemente, o trabalho foi retomado num ritmo intenso, para atender à solicitação da ABPP – Nacional, dos Rumos da Psicopedagogia no Brasil, que foi apresentado por Edith Rubinstein no Fórum Psicopedagógico em Debate Nacional: As dificuldades no aprender e o aprender das dificuldades – Rumos da Psicopedagogia, em São Paulo, 2004.

---

*Fabiani Ortiz Portella – Pedagoga, Psicopedagoga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, Professora do Curso de Pedagogia: Anos Iniciais e Educação de Jovens e Adultos, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, Presidente da ABPP/RS.*

---

*Correspondência  
Rua Mariante, 1076/13 – Rio Branco – Porto Alegre  
RS – Brasil – 90480-160 – Tel: (51) 3212-6938  
E-mail: fabianiportella@brturbo.com.br*

Apresento os dados preliminares da pesquisa que venho realizando sobre os marcos históricos da Psicopedagogia no RS, procurando oportunizar a socialização do trabalho desenvolvido até o momento, ressaltando que essa pesquisa prosseguirá de forma sistemática como objeto de estudo da dissertação de mestrado.

A pesquisa visa contribuir na elaboração de questões referentes à construção da profissão em nosso estado, que foi um dos pioneiros a nível nacional nos movimentos de oferecer formação profissional ao atendimento de crianças não portadoras de deficiências especiais e que, no entanto, apresentavam dificuldades de aprendizagem.

A organização dessa história que agora apresento foi sendo reconstituída por meio de entrevistas orais realizadas com os profissionais envolvidos nessa construção que - de forma muito receptiva - colaboraram com o trabalho; dentre eles: Alda Rodrigues (*in memoriam*), Beatriz Dornelles, Carmem Rosane Segatto e Souza, Clarissa Golbert, Dalva Rigon Leonhardt, Dorothy Fossati, Gilca Lucena Kortmann, Jane Beatriz Batista, Laura Rangel, Maria Aparecida Pabst, Maria Luiza Becker, Neusa Hickel, Maria Beatriz Ramos, Maria Célia Rossetto, Nilo Fichtner, Soni Lewis (*in memoriam*), Sonia Fonseca, Sonia Moojen, Susana Fróes Monteiro, Tânia Ramos Fortuna, Vanda Spieker, Vera Mayer da Silva e Verônica Alfonsin.

Nesta pesquisa foram realizadas, também, consultas a arquivos, visitas a bibliotecas, pesquisa em teses, documentos e publicações na área<sup>1-14</sup>.

Acredito que toda pesquisa histórica pode deixar de contemplar a totalidade dos fatos; precisamos, porém, por meio dos testemunhos, registrá-los e (re)constituir nossa memória e identidade. De acordo com a história, podemos entender que foi a própria demanda das crianças com necessidades educativas especiais a causa e a razão de ter sido originado o primeiro curso de Orientação Psicopedagógica para os professores pertencentes à rede estadual de educação. Esse marco inaugural seguiu por muitos caminhos -

que serão descritos - até os significativos avanços de hoje com a oferta de formação em nível de graduação.

### DÉCADA DE CINQUENTA

Os primeiros movimentos de formação psicopedagógica que marcam o início da construção da prática da psicopedagogia aconteceram em meados dos anos cinquenta, a partir do entendimento de que as dificuldades de aprendizagem têm demanda orgânica. Fatores neurológicos e psicológicos, assim como os relacionados à desnutrição, foram sendo entendidos e trabalhados por meio do esforço e dedicação de muitos profissionais que acreditavam na busca incessante de alternativas para viabilizar o atendimento educativo a crianças e adolescentes que apresentavam dificuldades nas suas relações com o aprender.

Nesse período, nossas pioneiras nessa luta - Aracy Tabajara, Dorothy Ana Fossati, Ilca Bandeira, Josefina Beirão e Manuela Rammrez - foram contempladas com bolsas de estudos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP, o qual organizava a preparação pedagógica de professores para Educação Especial. Participaram do primeiro Curso de Orientação Psicopedagógica, na Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Rio de Janeiro, com duração de dois anos; tendo entre seus professores a grande mestra Helena Antipoff.

Aracy Tabajara e Dorothy Fossati de V. Moniz compunham a equipe técnica do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional - CPOE - órgão técnico-científico da SEC do Rio Grande do Sul. Nesse local, as pesquisas sobre o desenvolvimento cognitivo, de educação e linguagem eram realizadas diretamente e - em contratos bilaterais - com o Centro de Educação da Universidade de Genebra, Centro Jean-Jacques Rousseau, Piaget, vislumbra-se o que poderíamos chamar de cuidados especiais com o "aprender". Havia a oferta de pesquisas, seminários e cursos, envolvendo os técnicos do CPOE e os professores e técnicos de Genebra.

No período compreendido entre 1952 e 1953, houve um efetivo trabalho na elaboração e no planejamento do "*Curso de Orientação*

*Psicopedagógica*", conforme o Boletim do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais/SEC/RS. O curso - elaborado e planejado por Dorothy e Aracy - foi oferecido no ano de 1954 e teve o apoio do CPOE que tinha, por meio da sua coordenação, o objetivo de aprofundar os estudos sobre o desenvolvimento cognitivo e a linguagem.

Devido à grande demanda das escolas, que recebiam crianças com dificuldades de aprendizagem, a Secretaria de Estado da Educação criou o Departamento de Educação Especial - DEE - com a participação do psiquiatra Dr. Nilo Fichtner, que teve em seu grupo muitos profissionais envolvidos no trabalho de avaliação das crianças, por meio da aplicação de testes psicométricos e psicodiagnósticos. Este setor inaugurou as primeiras escolas especiais. Visando oferecer um atendimento de qualidade, o CPOE - em parceria com o DEE - criou o curso de formação para professores, que data do ano de 1958, denominado *Curso de Formação de Professores em Psicopedagogia*, destinado a trinta e cinco professores, os quais - futuramente - integrariam o quadro da educação especial, desenvolvendo o trabalho com crianças portadoras de deficiência mental.

Como referimos anteriormente, tais acontecimentos marcaram o início da trajetória da nossa profissão. Gostaria de destacar a bravura das pioneiras Aracy e Dorothy, que diagnosticaram a falta de formação dos profissionais da educação no cotidiano escolar para ensinar e compreender as especificidades dos alunos com necessidades educativas especiais. Elas foram incansáveis na busca de alternativas, criando espaços de formação, atualização e pesquisa destinados a estes professores. Também não podemos deixar de destacar a criação do DEE com a participação do psiquiatra Dr. Nilo Fichtner, colaborador nos movimentos percursoros de formação e entendimento das crianças que não se "enquadravam" na metodologia escolar da época.

#### **DÉCADA DE SESSENTA**

No ano de 1960, o Rio Grande do Sul era o estado mais alfabetizado do Brasil, juntamente

com o de Minas Gerais. Para chegar a essa conquista, aconteceram grandes modificações na metodologia, pesquisava-se sobre Leitura e Escrita - mais especificamente, a escrita nas dificuldades da aprendizagem da leitura.

No ano de 1965, a convite da Secretaria dos Negócios de Educação e Cultura, veio de Buenos Aires o Dr. Julio Bernaldo de Quirós, para ministrar um curso na Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul. A temática tratada pelo Dr. Quirós era "Linguagem e Aprendizagem Infantil" e fez com que ele passasse a ser, para o grupo de pesquisadores brasileiros, uma referência entre os profissionais da área.

Em 1966 - com a preocupação do grupo de trabalho da SEC - o Departamento de Psicologia e o Setor de Psicopedagogia, após vários estudos para analisar e discutir a problemática que envolvia o alto índice da "constante repetência" e "evasão escolar", planejou criar um serviço de atendimento especializado a crianças com dificuldades de leitura e de escrita, pertencentes a Escolas Públicas Estaduais.

Em 1967, o CPOE - por meio do Setor de Orientação Psicopedagógica - criou o Serviço de Reeducação Escolar. Com essa iniciativa, pioneira no Brasil, foram implantadas as Clínicas de Leitura (decreto 18415/67), destinadas a minorar os problemas de desadaptação escolar, evidenciados pelo aluno em sala de aula. O serviço foi denominado como "*Clínicas de Leitura*", as professoras especializadas trabalhavam com os alunos da rede que apresentassem os distúrbios de leitura e escrita e eram consideradas reeducadoras. Realizou-se, nesse ano, o Curso de Preparação de Professores Especialistas em Psicopedagogia Terapêutica, denominado por algumas entrevistadas como *Curso de Reeducação da Linguagem*; pelo documento de criação e desenvolvimento das Clínicas de Leitura, como *1º Curso de Atendentes de Clínica de Leitura*, com duração de 766 horas-aula e estágio supervisionado pelo Dr. Quirós. Para tal formação, foram contempladas doze professoras, indicadas pelos educadores pedagógicos e diretores das escolas. As Clínicas

de Leitura funcionaram em seis Grupos Escolares, sendo que a demanda de trabalho foi bem maior que a capacidade de atendimento do restrito grupo de especialistas.

No decorrer do ano de 1968, Alda Rodrigues e Maria Aparecida Pabst foram indicadas e convidadas pela Presidente da Associação de Professores de Excepcionais - ambas com bolsa de estudos da CAPEME - para especializarem-se em Linguagem e Problemas Motores e seu tratamento, nos casos de problemas de aprendizagem, nas deficiências mentais e paralisias cerebrais, no Instituto de Otoneurofoniatria, da Faculdade de Medicina Del Salvador, junto à Universidade de El Salvador - Centro Médico de Investigaciones Foniaticas y Audiologicas de Buenos Aires. Durante um ano, essas educadoras participaram de um programa especial - específico para cada uma.

Em Buenos Aires, elas conheceram Dr. Nilo H. Fichtner, que também estava voltando seus estudos a essa temática e cursava Especialização em Problemas de Aprendizagem, junto com outros médicos latino-americanos, na mesma Instituição e com aulas específicas com o Dr. Júlio Bernaldo de Quirós.

De volta a Porto Alegre, em 1969, o Dr. Nilo Fichtner fundou a *Clínica Médico-pedagógica de Porto Alegre - CMPPA*, destinada ao atendimento integral de crianças portadoras de retardo mental e/ou outros distúrbios de desenvolvimento. Foi também nesse momento que Maria Aparecida e Alda, já citadas, abriram um "Gabinete de Reeducação", onde atendiam crianças com problemas motores e de aprendizagem de linguagem. Posteriormente, as educadoras receberam o convite para compor a equipe CMPPA, que contava com Avaliação Médico-Pedagógica, Psicológica, Psicomotora, da Aprendizagem e da Linguagem e os tratamentos referentes.

Percebe-se que a década de sessenta foi fecunda na busca de especialização nas questões referentes à linguagem e ao atendimento das crianças com distúrbio de aprendizagem. Destaca-se no período o incentivo por meio de bolsas de estudos aos profissionais da época, o

intercâmbio com Dr. Quirós - agora referência internacional. Inauguraram-se locais de atendimento público e privado destinados à clientela supracitada. Os reeducadores faziam um trabalho que podemos considerar psicopedagógico que, nesse período, ainda não tinha essa denominação.

### DÉCADA DE SETENTA

No final do ano de 1970, foi fundada a Associação Fonoaudiológica do Rio Grande do Sul, destinada a congregar os profissionais que atuavam na área dos problemas de comunicação. Faço referência às conquistas da fonoaudiologia, porque muitas de nossas psicopedagogas participaram ativamente no trabalho dessa Associação.

Havia, nesta época, uma carência de recursos humanos na área das dificuldades da leitura, da escrita e do cálculo. O Dr. Nilo Fichtner, por entender tal realidade, impulsionou a criação do curso de formação a ser ministrado em conjunto com a equipe da Clínica Médica de Porto Alegre. Ao longo dos anos, muitas psicopedagogas foram convidadas a desenvolver seus atendimentos na clínica criada por esses especialistas. Dentre elas podemos citar: Beatriz Vargas Dornelles, Dalva Rigon Leonhardt, Maria Bernadete Brito, Marlene Oliveira, Maria Laura Cunha, Maria Luiza Becker, Soni Lewis, Sonia Fonseca e Sonia Moojen. Os atendimentos eram acompanhados com supervisão, no início o enfoque era psiconeurológico, onde o papel do médico era importante.

Esse curso de formação, oferecido em 1971, denominado *Curso de Psicopedagogia Terapêutica*, teve como principal objetivo formar profissionais com um perfil diferenciado: capazes de serem versáteis em suas atividades e que deveriam possuir uma visão ampla da criança, considerando-a como uma unidade impossível de ser fragmentada. Tinha o curso uma carga horária de 833 horas-aula e duração de dois anos, fazendo parte da formação as disciplinas de Neurologia, Psiquiatria, Psicologia do Desenvolvimento, Organização do Pensamento,

Linguagem, Aprendizagem, Psicomotricidade e Técnicas Reeducação. O curso, sob a orientação psiconeurológica - ainda ligada a discalculias e disgrafias com uma visão nosológica, tornou-se um ponto de referência no estado, como Centro de Formação de Psicopedagogos e foi oferecido por muitos anos.

No ano de 1972, a Pontifícia Universidade Católica – PUC/RS ofereceu o *Curso de Especialização – Mestrado - Aconselhamento Psicopedagógico*. Desse curso, temos o registro de ter participado Clarissa Golbert, que relata que tais estudos abriram possibilidades na área de Linguística, Psicologia, Educação e Psicomotricidade.

Os dados fornecidos pela Prof<sup>a</sup> Sonia Moojen indicam que no ano de 1973 já tínhamos a disciplina de Psicopedagogia Terapêutica I, no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação – UFRGS. Até o final da década, foram oferecidas as disciplinas Psicopedagogia Terapêutica II e Técnicas do Exame Psicopedagógico, que foram por ela ministradas, vinculadas à área de Orientação Educacional, dentro do Departamento de Estudos Especializados.

No ano de 1974, aconteceu em única edição o *Curso de Especialização em Desadaptações Escolares*, realizado na Faculdade de Educação da UFRGS, com carga horária de 1.200 horas, sob a coordenação científica da Dr. Nilo Fichtner e administrativa de Sonia Moojen que, pouco a pouco, passou a ser chamado de campo da Psicopedagogia. Os estudos realizados por alunos desse grupo foram divididos em duas finalidades ou habilitações, de acordo com o interesse e dedicação profissional anterior, sendo elas: dificuldades específicas de aprendizagem e excepcionais subdotados.

Nesse mesmo ano, como experiência pioneira, foi criado o Centro Psicopedagógico, com direção do Dr. Nilo Fichtner, especializado no atendimento de crianças com problemas de aprendizagem, onde funcionava uma pequena classe especial para crianças diagnosticadas, hoje, como Distúrbios do Déficit de Atenção - que na época se diagnosticava como Lesão Cerebral Mínima. Esse trabalho foi desenvolvido pelo período de

um ano e meio, encerrando-se pela inviabilidade econômica, pois os profissionais faziam um grande investimento e tinham pouco retorno. A equipe era composta - entre outros - por Alda Rodrigues, Dalva Rigon Leonhardt, Maria Aparecida Pabst e Maria Luiza Becker.

Foi esse um período bastante turbulento. Graças à nociva atuação do regime militar, o CPOE foi totalmente desmantelado, dispersando aleatoriamente técnicos e professores. No mesmo ano, foi criado e coordenado por Vanda Spikier o Centro de Pesquisa e Orientação Psicopedagógica – CPOP, que deu continuidade aos projetos de pesquisa, orientação e prática clínica na direção das questões que envolvem a aprendizagem. Chegou-se à compreensão que um novo enfoque se fazia necessário para a psicopedagogia, pois o enfoque de reeducação não mais se sustentava. Decidiu-se definitivamente por uma revisão de conceitos, valores e conhecimento. O Instituto Alfred Binet de Paris colocou-se à disposição do CPOP, por meio da Dra. Sara Pain. Dessa revisão, elaborou-se o pré-projeto de um Curso de Especialização em Psicopedagogia, tendo sido ministrado, fruto de um programa de avaliação e seleção curricular e de critérios para dinâmica operacional, um Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Operativa.

O Colégio João XXIII contava, no ano de 1974, com o trabalho psicopedagógico de Maria Luiza Becker na etapa educação infantil. Havia naquele estabelecimento a equipe pedagógica e psicopedagógica que realizava avaliação com os alunos que apresentavam problemas de aprendizagem, discriminando fracasso escolar ou dificuldade de aprendizagem, em síntese, se eram das crianças ou da escola. Maria Aparecida Pabst veio integrar a equipe da escola com contribuições da Psicomotricidade.

Entre 1975 e 1976, foi montada, junto ao Colégio Americano, uma classe de Strauss e Lethinen, um espaço de redução de estímulos em ambiente tranqüilizante, que contava com cabines abertas para cada criança ao realizar tarefas individuais, organizado por Alda Rodrigues.

Nos anos setenta, verificamos que ocorreu a primeira formação formal em instituição de Ensino Superior; porém ainda não denominada oficialmente como psicopedagogia. Outra marca importante, nesta década, foi a criação de espaços psicopedagógicos no interior das escolas, como no Colégio Americano e João XXIII. O contexto político desse momento não foi favorável ao serviço pioneiro desenvolvido pelo CPOE, desarticulando de tal forma que não temos notícia na história de trabalho semelhante em nível estadual, e os profissionais permaneceram por muitos anos em desvio de função, sem o devido reconhecimento.

#### DÉCADA DE OITENTA

O grande número de profissionais, cada vez mais envolvidos nas questões relacionadas ao desenvolvimento, uniu-se em torno da fundação do Capítulo Gaúcho da Sociedade Brasileira Psicomotora, tendo como fundadora e primeira presidente Maria Aparecida Pabst.

Em 1984, a Psicopedagogia gaúcha esteve representada por Clarissa Golbert e Sonia Moojen, que integraram como convidadas o primeiro Encontro de Psicopedagogia em São Paulo - Encontro Nacional Sede Sapiens, que foi importante na intenção de integrar os profissionais da área: foram apresentados trabalhos: "*Aspectos do diagnóstico psicopedagógico*", "*É possível a psicopedagogia na escola?*", por Sonia Moojen e "*Considerações sobre as atividades dos profissionais em psicopedagogia na região de Porto Alegre*", por Clarissa Golbert<sup>7</sup>.

*"Nesse encontro, já estava presente a preocupação em refletir e debater sobre nossa identidade, em termos de quem somos nós, o que fazemos, o que temos em comum, o que nos é particular, o que nos diferencia e o que nos assemelha a outros campos de atuação e áreas do conhecimento."* (Golbert, 2003/2004, p.163)

Neste período, as profissionais organizaram-se com um Grupo Livre de Estudos em Psicopedagogia; espaço de discussões sobre o papel do psicopedagogo. Esse grupo se manteve unido e mobilizado na direção de fortalecer a psicopedagogia em nosso estado.

O mesmo ano marcou o início do trabalho de assessoria psicopedagógica ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizada por Sonia Moojen. A inserção do psicopedagogo na instituição escolar deve estruturar-se no sentido de auxiliar o professor a ter uma visão mais abrangente do que ocorre com o aluno com dificuldades de aprendizagem e das causas que as originaram. Dessa forma, ele poderá contribuir para o fortalecimento do vínculo professor/aluno, tornando esse último mais receptivo a aprendizagens.

Em 1986, Sonia e Clarissa, no retorno do Segundo Encontro Nacional de Psicopedagogos em São Paulo, organizaram em conjunto com o Centro de Estudos Médicos e Psicopedagógicos o 1º Seminário de Estudos em Psicopedagogia, em 8 de setembro de 1986, data que marcou a criação da Seção Rio Grande do Sul, da Associação Brasileira de Psicopedagogia, tendo como primeira presidente a psicopedagoga Laura Crespo.

Em 1986, a UNIFRA de Santa Maria inaugurou o Curso de Especialização em Psicopedagogia, junto ao Centro Universitário Franciscano. Essa primeira versão do curso - que durou cerca de doze anos na Instituição - habilitava o profissional no período de um ano.

Em setembro deste ano, com a coordenação de docência de Dorothy e direção técnica de Vanda, o CPOP inaugurou o Curso de Especialização em Psicopedagogia, com carga horária de 760 horas, incluindo aulas teóricas e práticas presenciais, realização de Práticas Institucionais e Clínicas, estágio supervisionado, com posterior redação de relatório-monografia obrigatório, formação esta que se estendia por um período continuado, em média de quatro anos.

Houve também uma outra modalidade de atendimento destinada às crianças com dificuldades escolares, denominado Amigo Pedagógico Qualificado - APQ, criado por Sonia Moojen. O atendimento era realizado a domicílio, dando início ao trabalho desenvolvido em parceria com a Dra. Ieda Portela - médica psiquiatra - e era destinado aos alunos que, na sua maior parte, realizavam psicoterapia, mas que necessitavam

de apoio intensivo na área de conteúdos escolares: sozinhos não conseguem envolver-se com a aprendizagem e não contam com familiares capazes de dar suporte efetivo e afetivo às suas aprendizagens. Em alguns casos, após serem submetidos à terapia psicopedagógica, realizavam complementação com esses profissionais na organização das tarefas escolares.

Em 1988, a UFRGS implantou oficialmente a área de Psicopedagogia na Faculdade de Educação e, no ano seguinte, foram aprovados sete professores. Temos notícias de terem sido aprovados como professores titulares: Clarissa Golbert, Beatriz Dornelles, Dalva Leonhardt, que não assumiu por estar dedicada aos cuidados de sua genitora, e Sérgio Franco.

No final da década, recebemos em nosso Estado duas psicopedagogas argentinas, Sara Pain e Alicia Fernández, convidadas pelo CPOP e pelo Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia Pesquisa e Ação – GEEMPA. Estas psicopedagogas deixaram marcas e influências em nossa atuação psicopedagógica. Foram promovidos, com a participação delas, seminários abertos ao público interessado em refletir sobre as questões vinculadas ao aprender e, ao mesmo tempo, vinculadas ao não-aprender.

A década de oitenta pode ser considerada profundamente fecunda para os movimentos em torno da Psicopedagogia em vários campos de atuação. Cabe destaque especial à fundação de organização dos profissionais envolvidos nas questões de aprendizagem e desenvolvimento; primeiramente, o Capítulo Gaúcho da Sociedade Brasileira Psicomotora e, posteriormente, a Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção RS. Ainda vale registrar a apresentação de trabalhos científicos em nível nacional; a inserção do Psicopedagogo no âmbito escolar, com trabalho de assessoria docente; a criação da modalidade de atendimento Amigo Pedagógico Qualificado - espaço aberto da Psicopedagogia, na Faculdade de Educação da UFRGS - com ingresso mediante concurso para professores; início de grupos de estudos e estabelecimento de intercâmbio internacional com outros expoentes.

### DÉCADA DE NOVENTA...

No início dos anos noventa, Esther Pillar Grossi - então Secretária Municipal da Educação da SMED do município de Porto Alegre - criou uma Equipe Psicopedagógica para dar sustentação ao trabalho pedagógico no que diz respeito ao aspecto didático. Tal iniciativa foi movida pela preocupação com a exclusão, integração e questões referentes ao fracasso escolar, e, ainda, em dar suporte à "Alfabetização Construtivista" que estava sendo implementada. Foi convidada para coordenar a Equipe, a psicopedagoga Neuza Hickel, responsável pela Educação Especial, e por meio do plano de trabalho foi garantida a vinda de Alicia Fernández a cada bimestre, realizando supervisão do trabalho desenvolvido. Segundo Hickel<sup>9</sup>,

*"Esta equipe, cujo objetivo é assessorar a rede escolar nos aspectos pertinentes à aprendizagem nos seus fatores facilitadores ou dificultadores (circulação ou fraturas), propõe como meta inicial estabelecer um campo de mediatização (de criatividade, ou transicional, como diz Winnicott), distante, pois, da fantasia de "salvar" a escola, mas possível de contribuir com seu processo de resignificação."*

Em outras palavras, o trabalho seguia na direção oposta ao modelo da medicalização de tratar o fracasso escolar. A atuação da Equipe Psicopedagógica - articulada com as equipes de Alfabetização e Interdisciplinar de Apoio - tinha em sua organização três modalidades distintas: áulica, escolar e institucional.

A partir da década de noventa, a oferta de cursos de formação em psicopedagogia proliferou em todo nosso estado. De acordo com os registros oficiais da Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção RS, existem dezesseis Cursos de Especialização em Psicopedagogia e três Cursos de Graduação em Psicopedagogia.

A Instituição de Ensino Superior UNILA-SALLE, em 1991, ofereceu o primeiro curso de Pós-Graduação *Latu Senso*, coordenado pela Professora Clarisse Menegat, com carga horária

de 520 horas. Em 1995, o curso foi reformulado e denominado Psicopedagogia Clínica e Institucional, com 795 horas-aula.

O ponto de partida do Projeto do Curso de Psicopedagogia da Faculdade Porto Alegrense – FAPA originou-se da necessidade de aprofundamento nos transtornos do desenvolvimento, nas dificuldades de aprendizagem e nas formas de intervenção frente ao sujeito que não aprende, foi elaborado no ano de 1993, pelos professores Bruno Edgar Ries e Noeli Maggi, do Departamento de Pedagogia, e Jane Beatriz Batista, Coordenadora do Curso de Pós-Graduação, sendo – posteriormente - submetido à apreciação das psicopedagogas Maria Beatriz Ramos - ligada ao Centro de Pesquisa e Orientação em Psicopedagogia - e Sonia Azambuja Fonseca, da Clínica Desenvolver. Vale lembrar, ainda, que o corpo docente contou, desde o início, com a colaboração competente da saudosa Soni Lewis.

No ano de 1998, aconteceu a abertura do Núcleo de Psicopedagogia – Passo Fundo, tendo suas atividades coordenadas pelas psicopedagogas Maria Célia Rossetto, Lucia Helena de Bortoli e Eloísa dos Santos.

A ADSUM – Instituto Psicopedagógico, organização não-governamental, foi fundada pelas psicopedagogas Vera Mayer da Silva e Verônica Alfonsin, no dia dez de abril de 1999. O Instituto propõe-se aos seguintes objetivos: formação continuada, pesquisa, atendimento e assessoria. Destacamos a criação de um campo de estágio para atendimento individual no ambulatório de psiquiatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre – HCPA.

Outra luta que se estabeleceu em nível nacional refere-se aos significativos movimentos em busca da tão almejada regulamentação da profissão. Para atingir esse objetivo, temos unido esforços por meio da Associação Brasileira de Psicopedagogia, em nível estadual e nacional, procurando agregar elementos ao Projeto Lei nº 3.124/97, de autoria do Deputado Barbosa Neto, e lutando bravamente para defendê-lo dos

entraves encontrados na busca do processo de regulamentação da profissão.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rio Grande do Sul traz consigo uma significativa trajetória dos profissionais que conquistaram um espaço profissional. O objetivo foi o de reconstituir, com os devidos registros, a História da Psicopedagogia em nosso estado.

De acordo com a evolução histórica que acabamos de apresentar, podemos perceber que a psicopedagogia se constituiu a partir dos movimentos aliados à reeducação. Nesses movimentos precursores, muitos profissionais de áreas distintas - como médicos, fonoaudiólogos, psicomotricistas, psicólogos e pedagogos - se juntaram nesta trajetória.

Os profissionais que optaram por dar prosseguimento à atuação em psicopedagogia complementaram sua formação em cursos de especialização, visando à compreensão dos diversos processos que envolvem a aprendizagem humana.

Neste momento, tenho a certeza de que os primeiros passos foram dados, e que ainda temos muitos outros para dar, colhendo e pesquisando fatos importantes do percurso que compõem e de outros que virão compor a história. Entendo que a história continua e nunca finda de constituir-se em incessantes movimentos, os quais - com toda certeza - merecem registro e consideração. Tenho a compreensão que a elaboração da história se faz com um sério e profundo estudo, alguns passos foram dados, mas outros precisam continuar no percurso.

A psicopedagogia é uma profissão complexa, abrangente e desafiadora; talvez como todas as profissões que envolvem as relações com os seres humanos. Os princípios que a norteiam estão implícitos em todo o trabalho que envolve o aprender e o não-aprender, o saber da história de cada um; portanto desde que se queira que alguém aprenda a ler, a escrever, a contar. A psicopedagogia contribui na abertura de espaços de construção do conhecimento.

### SUMMARY

#### Historical overview of psychopedagogy in Rio Grande do Sul

The present paper discusses the most salient developments over the past five decades leading to the current practice of psychopedagogy as a professional discipline in Rio Grande do Sul. I give a preliminary account of research to archival materials, theses and other specialized documents and publications in the field; and, above all, personal interviews with the trailblazers and other key participants from the realms of education and health who have been instrumental in shaping psychopedagogy as the discipline we know today.

**KEY WORDS:** Psychopedagogy. Professional Review Organizations. Professional Practice, history. Professional Practice Location.

### REFERÊNCIAS

1. Becker MLR. Epistemologia genética e prática de psicopedagogia na escola: difusão da teoria e os expurgos da razão [Tese]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul;1998.
2. Becker MLR. Psicologia escolar e psicopedagogia na escola: o que está mudando? In: Maraschin C, Freitas LBL, Carvalho D, editores. Psicologia e educação: multiversos sentidos, olhares e experiências. Porto Alegre:Universidade Federal do Rio Grande do Sul;2003.
3. Bossa NA. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre:Artes Médicas Sul;1994.
4. Denesi MC, Martinez Z. Osório. Reconstrução histórica da fonoaudiologia no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IMEC; 2001.
5. Fonseca SA. A formação do psicopedagogo: análise e reflexão. Rev Psicopedagogia 1994; 13(28):19-22.
6. Fortuna TR. A psicopedagogia no Brasil: aspectos históricos e suportes teóricos. Ciências e Letras. Rev Fac Porto-Alegrense Educação, Ciências e Letras 1997;20.
7. Golbert CS. A identidade do psicopedagogo. In: O olhar clínico na prática psicopedagógica. Caderno da ABPP/RS;Porto Alegre; 2003/2004.
8. Hickel N. Um olhar especial na educação: contribuição do construtivismo para educação especial. In: Grossi EP, Bordin J, editores. Construtivismo pós-piagetiano: um novo paradigma sobre aprendizagem. Petrópolis: Vozes;1993.
9. Hickel N. A inteligência é um processo e não um dom: fica-se inteligente porque se aprende. In: Grossi EP, Bordin J, editores. Paixão de aprender. Petrópolis:Vozes;1992.
10. Moojen SM. A conquista do espaço psicopedagógico na escola: relato de experiência. Rev Psicopedagogia 1997; 16(40):35-44.
11. Moojen SM. A psicopedagogia no Rio Grande do Sul. In: II Seminário Nacional de Psicopedagogia;Porto Alegre;1995.
12. Rubinstein E. Rumos da psicopedagogia brasileira. In: II Fórum Psicopedagógico

- Debate Nacional - As dificuldades no aprender e o aprender das dificuldades – Rumos da Psicopedagogia no Brasil; São Paulo; 2004.
13. Souza FRS, Segatto CR. A evolução histórica do curso de especialização em psicopedagogia do Centro Universitário Franciscano. *Disciplinariun Scientia*. Série: Ciências Sociais e Humanas; Santa Maria; 2001. V.2, n.1. p.77-95.
14. Spieker V. Um pouco da história da psicopedagogia: espaço/tempo e inconsciente. *Rev Fac Porto-Alegrense Educação, Ciências e Letras* 1998;N.23/24.

---

*Trabalho apresentado no XIII Encontro Estadual de Psicopedagogia, promovido pela ABPp/RS, em 2004.*

---

*Artigo recebido: 30/01/2005  
Aprovado: 10/02/2005*

